

“Transar pode, mas você não deveria”: A Representação da
Homossexualidade no Discurso Espírita Brasileiro
“Sex is allowed, but you shouldn’t do it”: *The Representation of Homosexuality
in the Brazilian Spiritist Discourse*

Francisco Jomário Pereira

PEREIRA, Francisco Jomário. “Transar pode, mas você não deveria”: A Representação da Homossexualidade no Discurso Espírita Brasileiro. 2020, 213F. Tese de Doutorado em Sociologia- Programa de Pós Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba. 2020.

Nosso trabalho, tem por finalidade analisar uma religião que ainda é pouco discutida entre os sociólogos, especialmente a relação espiritismo e sexualidade. O Espiritismo é um sistema religioso único, especialmente o brasileiro, e tem suas configurações e cosmologia reinscritas, constituindo um universo religioso ímpar. A partir dessa constatação, nosso trabalho objetiva investigar, analisar e compreender a inserção de homens gays na experiência religiosa Espírita, averiguando como suas carreiras afetivo-sexuais e experiências religiosas relacionam-se e se articulam a partir da representação do sexo, sexualidade e homossexualidade construída via discurso espírita brasileiro.

Compreendemos que as estratégias adotadas pelos doutrinadores para a constituição e solidificação do *ethos* religioso, passa pelo ensino e divulgação da doutrina, especialmente no tocante às questões das sexualidades. Fica perceptível o sucesso dessa estratégia ao analisar as entrevistas realizadas com homens gays envolvidos nas Casas espíritas.

A partir dos nossos interlocutores, compreendemos como se constitui as representações individuais sobre a homossexualidade e quais estratégias são adotadas por esses adeptos homossexuais para a vivência de suas carreiras afetivo-sexuais no convívio religioso. Observamos ser um processo de experimentação pessoal a partir da cultura sexual do grupo, que geralmente vigora a partir da adolescência, perpassando a juventude, se consolidando enquanto aprendizado, ou seja, a orientação e a vivência da sexualidade ou não a partir de um contexto específico.

Chegamos à conclusão preliminar que, no dia a dia, o assunto, sexualidade, se configuraria, na ótica do Espiritismo, quase como um tabu e seria relegado ao esquecimento entre os assuntos oficiais. Todavia, ao analisarmos mais a fundo e de forma mais sistemática, compreendemos que não existe necessariamente um tabu ou um esquecimento, mas um disciplinamento, uma pedagogia que implica na dosagem sobre os temas sexualidade, sexo e homossexualidade.

Essa pedagogia se encarrega de selecionar os espaços e especialistas que podem ou não tratar dos temas, aparentemente nada de novo, tendo em vista que essa lógica é a executada pelo dispositivo da sexualidade. No entanto, o interessante é a sutileza e construção discursiva que embasa a pedagogia da (des) responsabilização da Doutrina Espírita, as formas que se adota e os modos como age na construção identitária dos sujeitos. O Espiritismo se aperfeiçoou para além das demais religiões quando se trata de controle da sexualidade.

Quanto ao nosso corpus de análise, entrevistamos cinco homens gays espíritas, trabalhadores de três Centros Espíritas distintos, solteiros, de classe média, nível superior completo e profissionais liberais. Para além dessas entrevistas, analisamos quatro obras literárias e um discurso de Divaldo Pereira Franco proferido em Congresso Espírita, uma obra de Chico Xavier, Alírio de Cerqueira Filho e um artigo de Roberto Lúcio Vieira de Souza. Para analisar esses discursos na busca da compreensão do processo de formação identitário, busquei junto a *Análise do Discurso* de vertente francesa, bases teóricas que pudessem ajudar a compreender e analisar os dados. Para tal, fizemos uso de determinadas obras de Foucault, especialmente a transição que ocorre entre a arqueologia para a genealogia, assim, *A Ordem do Discurso* (1971) nos mostrou o caminho a percorrer na busca da compreensão dos contextos e interpretação do não dito, que não é necessariamente silêncio.

Quando tratamos da análise das obras literárias, observamos que os temas são inseridos, enxertados em livros que versam sobre outros temas, reproduzindo a mesma lógica das palestras. Assim, independente do arquivo analisado, a lógica da diluição, do não confronto ou exposição exacerbada do tema, é a estratégia adotada sobre o tema sexualidade que é discutido de forma transversal.

Divaldo Pereira Franco, intelectual e médium baiano de maior renome e alcance nacional e internacional vivo, publicou cerca de 202 livros, entre eles um específico que tem por tema o sexo e a obsessão. Muitos de seus textos gravitam em torno dos temas sexualidade e homossexualidade, nunca exclusivamente, mas sim transversal, sendo apenas *Sexo e Obsessão* (2002) direcionado especificamente para tratar da sexualidade. Desta forma, encontramos os demais textos sobre os temas publicados em formato de artigos em duas coletâneas intituladas *Sexo e Consciência* (2016) e *Amor e Sexualidade a Conquista da Alma* (2018), e *Divaldo Franco Responde vol. 2* (2013).

Observamos que o Espiritismo se institui como nova verdade sobre o sujeito, um saber sobre aquilo que o determina. Observa-se o poder agindo, um poder micro, sutil. Ao unir as três esferas quase antagônicas, religião, filosofia e ciência, em um único discurso sobre o homem e

a sua pluralidade de existências para além de um corpo físico transitório, a doutrina se reveste da áurea de Religião Universal, ou como dito por ela e seus doutrinadores, o futuro de todas as religiões.

Nossas análises concluem que o Espiritismo se interessa pelas questões da sexualidade, ou melhor dizendo, da sexualidade não normativa, aquela que ocorre, segundo a doutrina, devido um desvio da programação reencarnatória, quando o sujeito foge do que foi planejado. Na tentativa de explicar e tornar tal sujeito normal, parte da concepção da ideia de um corpo social que não pode ser agredido. A lógica e solução seria normalizar os desejos e a sexualidade via processo de sublimação e descontinuidade de uma vida sexual tida como não padrão.

Buscamos compreender como as representações das sexualidades criadas pelo Espiritismo influenciaram na construção de suas próprias representações, identidades e estratégias adotadas por esses adeptos para a vivência de suas carreiras afetivo-sexuais.

Verificamos, ainda, que a Doutrina Espírita inova em fugir da lógica do uso dos termos masculino e feminino ao adotar o termo polaridades, quando se trata do espírito no plano espiritual, não encarnado. Em relação ao mundo físico, descarta e combate a concepção da construção do gênero, enquanto cultural, social e discursivo

As representações influenciam na construção identitária dos sujeitos. Nossa percepção é que o sujeito é entrelaçado, ligando-se, desligando-se e reconectado em diversas redes. Essa lógica ajuda-nos a refletir sobre identidade e processos identitários a partir do processo de contato e vivência com a religião espírita.

A partir dessas análises e calcados nas afirmações e percepções dos nossos interlocutores, podemos observar e corroborar com Foucault (2015) ao afirmar que as formulações discursivas de formas de saber-poder surtem efeitos inesperados que originam reações, resistências e novas tramas discursivas.

Por fim, cremos ser perceptível que os processos de negociação da sexualidade, construção e gerenciamento de si são complexos e implicados em diversas outras relações no mundo social. Observamos que nossos interlocutores atribuem um peso considerável à religião ou a experiência religiosa nesse percurso. Os laços com as experiências passadas não são rompidos, o universo de valores não é meramente abandonado, a própria Doutrina Espírita por fazer uso de arquétipos e personagens do catolicismo permite uma continuidade reinterpretada.

Palavras- Chave: Religião. Espiritismo. Sexo. Sexualidade. Identidade.